

Economia
Brasil

O bom senso no meio da confusão

Há pelo menos uma diferença importante entre crise financeira internacional e tiro-teio no Rio de Janeiro. No Rio, bala perdida atinge quem nada tem que ver com a briga, e isso depende em grande parte do acaso. No mercado financeiro, o acaso é supérfluo: os atiradores miram no alvo errado, mesmo, por desinformação e falha de julgamento. Daí a relevância do editorial publicado pelo *Wall Street Journal*, anteontem, sob o título *O Brasil não é a Rússia*.

Com essa nota, o mais influente jornal financeiro dos Estados Unidos, e um dos mais importantes do mundo, fez mais do que um alerta favorável ao Brasil. Toda contribuição para evitar pressões especulativas contra a maior economia da América Latina beneficia toda a região.

Os editores do *Journal* sabem disso, assim como os aplicadores mais informados. Mas o mercado é sujeito a ondas de opinião, a reações emocionais e a influência de atores com muito dinheiro, escasso conhecimento e curtíssima visão das consequências de seus lances.

Em momentos como este, marcados pela insegurança e por muito nervosismo, é crucialmente necessário fazer distinções entre mercados emergentes, como adverte o *Journal* em seu editorial. "Felizmente – lê-se no artigo – o Brasil, maior domi-

nó latino, vem demonstrando a vontade política de manter a estabilidade da moeda há quatro anos." A política venezuelana, ressalta o editorial, tem sido menos firme e menos fértil em transformações. Mesmo porque, acrescentaríamos nós, não há muito o que transformar na economia venezuelana, que pode ser comparada com a economia da Arábia Saudita, mas não há como compará-la com a economia brasileira.

O contraste entre o Brasil e outros países aparece tanto no esforço de reformas quanto no progresso das privatizações. A Venezuela foi beneficiada, recentemente, por dois pacotes de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI), mas nenhuma grande mudança foi alcançada. Em contrapartida, o editorial chama a atenção para as privatizações de grandes grupos empresariais, no Brasil, mencionando Vale do Rio Doce e Telebrás como exemplos, além de apontar o esforço de abertura econômica e de integração crescente no mercado mundial.

A perspectiva de continuidade da orientação econômica também é lembrada. O favoritismo do candidato Fernando Henrique Cardoso é atribuí-



do ao gosto dos brasileiros pela estabilidade de preços e pelas reformas. "O Brasil não é a Rússia, nem a Venezuela", conclui o editorial, "e tudo que se tem de fazer é lembrar-se disso".

Os investidores interessados na privatização, assim como os empresários com grandes projetos no País, conhecem esses pontos e avaliam bem o potencial da economia brasileira, uma das dez maiores do mundo pelo valor da produção.

Também sabem calcular as perspectivas de crescimento regional, a partir da base formada pelo Mercosul, um bloco ainda com muitos problemas, porém com muitos avanços consolidados. Sem falar no comércio, bastaria lembrar os investimentos cruzados entre Brasil e Argentina para perceber a integração já alcançada.

Esses investidores também sabem dos problemas brasileiros. Conhecem o desequilíbrio fiscal e o desajuste em conta corrente do balanço de pagamentos, mas estão informados, também, do compromisso do governo com as mudanças. Esse compromisso se reflete, por exemplo, na reordenação dos serviços de infra-estrutura e no avanço, mes-

mo insatisfatório, em temas como a reforma da Previdência. Reconhecer dificuldades em algumas linhas de ação é muito diferente do que falar em imobilismo ou impasse.

Esse compromisso é a grande justificativa para apostar nas perspectivas do País. Respostas pontuais à crise externa, como as medidas anunciadas anteontem pelo Banco Central – ver comentário no caderno *Economia & Negócios* – só têm al-

gum valor por causa dessa orientação geral. No mercado, porém, essas medidas, embora destinadas a produzir efeitos imediatos, são mais visíveis, para muitos aplicadores, do que a orientação

Aviso do Wall Street Journal: o Brasil é diferente da Rússia e da Venezuela e está fazendo reformas

geral da política. A esse público, sobretudo, avaliações como a do *Wall Street Journal* podem proporcionar uma orientação importante. E é bom que essa informação seja assimilada. Afinal, há uma perigosa desproporção, no mercado, entre poder de fogo e discernimento – um bom motivo para pensar em mecanismos nacionais e internacionais de controle dos movimentos especulativos.